

ESTUDOS DE TEMÁTICAS E SUAS REPRESENTAÇÕES NA LITERATURA MEDIEVAL

Geraldo Augusto Fernandes, Universidade Federal do Ceará

No prefácio ao *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt revelam que é bom que nem todos os verbetes do dicionário sigam uma única abordagem, pois os modelos e métodos estão largamente abertos para que os historiadores passem a experimentar novas abordagens, “confrontando suas próprias concepções àquilo que percebem das realidades do passado e das *representações* que os homens do passado deram a si próprios do mundo no qual viviam”. Com isso em mente, os autores julgam que os verbetes – temáticos – foram concebidos para a compreensão das sociedades e as *representações* desses fatos, “que as sociedades elaboram utilizando-se do prisma deformante das sensibilidades e das paixões, conferindo-lhes uma dimensão vital e afetiva essencial”. Por fim, não se tratava de apresentar todos os *temas* possíveis, mas sim aqueles que, em seu bojo, já admitisse os entrecruzamentos, as suas *representações* (grifos meus).

Nesta série do livro eletrônico do Grupo de Trabalhos “Estudos Medievais” (GTEM), da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL), de certa forma, dialoga com as pretensões apresentadas por Le Goff e Schmitt. Dez pesquisadores dedicaram-se ao estudo de temas caros a si como especialistas do medievo. Pela amplitude do ousado projeto – tratar de algo tão difuso, profícuo e múltiplo em ramificações – os temas –, perseguiu-se o entroncamento desses com as representações na literatura da Idade Média. Álvaro Bragança invoca a representação do feminino dentro do *corpus* paremiológico medieval em língua latina em voga no Sacro Império durante os séculos XII a XVI. Para ele, há apropriação de elementos oriundos da cultura clássica, bem como dos papéis sociais – louváveis ou não – atribuídos à mulher, conforme a ótica eclesiástica.

Já Célia Marques Telles e Risonete Batista de Souza, no capítulo dedicado aos *Livros do Tombo* do Mosteiro de São Bento da Bahia, comentam sobre uma coleção de traslados de documentos relativos aos bens materiais que integraram e ainda integram, o patrimônio do Mosteiro de São Bento da Bahia, resultado de doações ou compras de

terras e casas no Estado do Brasil, em Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia. Existem nos *Livros do Tombo* testamentos que datam de 1584 a 1793. As edições dos *Livros do Tombo* levaram à observação da estrutura diplomática e daquela do discurso dos testamentos. Busca-se mostrar, com base na retórica, como os diferentes testadores demonstram seu poder, sua força e seu cabedal, transferindo para o Estado do Brasil práticas medievais.

Sou (Geraldo Fernandes) responsável pelo estudo tirado de alguns poemas do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, no qual se encontra um tema novo que será compartilhado pelos poetas palacianos e também, mais à frente, por vários autores que se seguiram à publicação do *Cancioneiro* – refiro-me ao eu perdido, ao eu dividido. Geralmente essa divisão/perdição centra-se na poesia amorosa. O “eu perdido” revelado pelo poeta palaciano é aquele que, perdendo seu objeto de amor ou por ele desprezado, não se encontra. Mas o “eu perdido”, no cancionero de Resende, não se revela apenas nos poemas de cunho amoroso, surge também em inúmeras composições cuja temática central é o desconcerto do mundo, que faz o poeta balançar entre o passado concreto e o futuro incerto. Esse “eu perdido”, com quem o novo poeta se defronta, emerge no antológico poema de Francisco de Sá de Miranda (no. 415). Se tradicional pela forma, inovador é o tema, pois o “perder-se” não está ligado, pelo menos explicitamente, ao amor.

Márcia Maria Araújo estuda as imagens femininas e de feminização nas cantigas de amigo galego-portuguesas. Márcia Araújo procurou, nos significados e nos sentidos de uma interpretação da imagem da mulher, investigar a dualidade presente na imagem feminina por meio das cantigas de amigo de quarenta e três trovadores galego-portugueses. Entre os qualificativos relacionados à mulher, que tão bem expressam a aparência e o estado de alma da mulher, percebem-se certos aspectos em que ela é colocada na posição sobredeterminada e polarizada de imagens contraditórias, entre a adoração e a difamação. No que diz respeito ainda às cantigas, a mulher pratica ações e revela seus desejos e intenções em relação ao parceiro ou namorado, estando, nesse sentido, aparentemente nivelada ao modo de expressão do homem. Esse é basicamente o ponto-chave deste trabalho sobre a mulher nos poemas trovadorescos, em especial sobre aspectos que promoveram temas e representações do feminino e sua feminização.

Márcio Muniz propõe-se a visualizar, por meio de autos quinhentistas portugueses, o que ele acredita ser o registro de uma “polêmica dramática”, que considera estar melhor revelada na configuração de dois tipos sociais identificáveis por

suas qualidades adjetivas, *praguentos* e *discretos*. Parece ao autor que esses nunca foram figurados em personagens na cena teatral quinhentista portuguesa. *Praguentos* e *discretos* são por diversas vezes substantivados em alguns textos dramáticos, configurando-se em verdadeiros *tipos sociais*. Em pelo menos três autos quinhentistas o autor encontra personagens “verdadeiras” a referirem-se de modo substantivo a *praguentos* e *discretos*, espécies de personagens paratextuais – críticos de teatro e público –, refletindo suas opiniões sobre maneiras diferentes de se fazer teatro: nos anônimos, *Auto dos Enanos* e *Auto dos Sátiros*, e no *Auto d’El-Rei Seleuco*, de Luís de Camões.

Maria do Amparo Maleval comenta que Gil Vicente, considerado o *criador* do teatro português, dominava as técnicas da arte de pregar medieval, que resultou do legado da retórica clássica acrescido da tradição exegeta e concionatória judaico-cristã. Em suas peças ditas *moralidades* utiliza elementos retóricos com o mesmo objetivo dos sermões: a doutrinação e conversão do auditório para uma vida virtuosa. Tal se pode observar no *Auto dos Mistérios da Virgem* ou da *Mofina Mendes*, re(a)presentado nas matinas do Natal de 1534 ao rei D. João III. Neste, no intuito de ensinar de forma agradável a doutrina e de fustigar os vícios da sociedade do seu tempo, o dramaturgo lança mão de recursos vários, dentre os quais sobressaem os destinados à provocação do riso. *Ridendo castigat mores*.

Natália Zaninetti Macedo e Gladis Massini-Cagliari objetivam apresentar um panorama dos trabalhos recentes das áreas de Linguística e Filologia sobre os nomes próprios no Português Arcaico, com o intuito de ressaltar que contribuições advindas dessas diferentes áreas do conhecimento podem, em interface, trazer um conhecimento mais global do comportamento linguístico dos nomes próprios naquele período histórico.

Finalmente Pedro Carlos Louzada apresenta um interessante trabalho em que visa analisar como o mito do duplo de Adão e Eva, relatado nos primeiros capítulos do *Gênesis*, porta-se de configurações misóginas da tradição religiosa judaico-cristã. A misoginia presente nesse mito bíblico é decorrente, sobretudo, de uma sobreposição tropológica e/ou literal da criação primordial de Adão, arquétipo do homem, à criação secundária de Eva, arquétipo da mulher. O trabalho expõe e critica algumas das reverberações teológicas misóginas desse mito, engendradas, principalmente na literatura patrística, tais como Santo Anselmo, São Tomás de Aquinas e Santo Isidoro de Sevilha.

Este e-book, pelo que se leu acima em resumo, não só convida os leitores e estudiosos do medievo mas incita mais pesquisadores a acompanharem os temas a que se dedicaram os articulistas. Voltando ao que se registrou no início desta apresentação, Le Goff e Schmitt declaram que os fatos “que as sociedades elaboram utilizando-se do prisma deformante das sensibilidades e das paixões, [conferem]-lhes uma dimensão vital e afetiva essencial”. Neste livro eletrônico procurou-se esse prisma sensível e apaixonante para apresentar leitores, estudiosos e pesquisadores da Idade Média.

Geraldo Augusto Fernandes (organizador)